

RELATO DE EXPERIÊNCIA

AÇÕES TRANSFORMADORAS NA FORMAÇÃO LABORATORIAL: DESENVOLVIMENTO DE PRODUÇÕES E FERRAMENTAS DE MICROLEARNING E DO GÊNERO CRÔNICA

Boanerges Lopes; bblopes@ufjf.br¹

RESUMO

O elemento motivador para as reflexões aqui contidas, se baseiam no incentivo à produção de textos laboratoriais inspirados no gênero crônica, bem como nas práticas de *microlearning*, ambos aplicados a um projeto desenvolvido na Faculdade de Comunicação da UFJF/MG. As teses sobre aleatoriedade e incertezas de Taleb (2018), assim como a complexidade e transdisciplinaridade de Morin (2011) e Freire (2024), e as concepções sobre o gênero crônica de Sá (1985), Melo (2009) e Pereira (2015) permeiam a sustentação teórica e metodológica. De acordo com Saccol; Schiemmer; Barbosa (2010) e Garcia (2024), o *microlearning* é um tipo de abordagem de ensino que apresenta, entre outras possibilidades, doses de informação – textual e imagética - em um espaço curto de tempo. Por serem conteúdos mais compactos, tornam-se mais acessíveis, o que permite agilidade no compartilhamento, pelas mais variadas ferramentas de comunicação na atualidade e com foco na área digital.

PALAVRAS-CHAVE

Reflexões; crônica; *microlearning*; ferramentas de comunicação; formação laboratorial.

1. INTRODUÇÃO

O relatório *Journalism and Technology Trends and Predictions*, do Instituto Reuters para o Estudo de Jornalismo em 2025 com base em depoimentos de 326 líderes de 51 países e territórios, incluindo o Brasil, apresenta um panorama para o futuro da profissão com desafios e tendências. Entretanto, revela um paradoxo: enquanto a confiança nas práticas diminui, os líderes se sentem otimistas com seus próprios veículos ou de suas organizações. Eles alertam para a necessidade de os meios de comunicação encontrarem novas formas e maneiras de se conectar com os públicos no intuito de construir confiança reputacional.

Apesar do pessimismo que se destaca no documento, 56% dos dirigentes se mostram confiantes em relação às perspectivas de seu próprios negócios e que se

¹ Professor Titular da Universidade Federal de Juiz de Fora, MG, autor de livros e coordenador de curso de especialização na Facom/UFJF. Doutor em comunicação pela UFRJ e Conselheiro da ABI. e-mail: bblopes@ufjf.br

baseiam, entre alguns aspectos, na possibilidade de inovação e investimentos em produtos e formatos diferenciados, como áudio releases, podcasts, e conteúdos digitais desenvolvidos visando atrair novas audiências, principalmente jovens, um tanto desestimulados com o que tem sido apresentado pelas denominadas corporações informativas tradicionais. O relatório também indica positivamente a experimentação de novos formatos, com vídeos curtos, animações no intuito de tornar o conteúdo mais atraente e acessível e também histórias mais humanizadas procurando estabelecer uma conexão emocional com os públicos.

Assim, em tempos incertos e denominados terminologicamente como “Sociedade de Risco”², ou ainda “Sociedade do Cansaço”³, mas, paradoxalmente, marcados pela ascensão em paralelo da expressiva Sociocracia 3.0 (S3)⁴ - metodologia que permite a criação de organizações ágeis e resilientes – talvez seja interessante pensarmos sobre as reflexões do decano de Ciências da Incerteza na Universidade de Massachusetts e, professor emérito de engenharia de risco da Universidade de Nova York, Nassim Nicholas Taleb (2018), quando propõe a ideia de "antifragilidade", ou seja, a capacidade de se beneficiar de situações de aleatoriedade, do caos e da desordem e diante das incertezas do cotidiano criar organizações e relacionamentos resistentes ao imponderável.

Do ponto de vista da formação acadêmica, um caminho inspirado nas teses de Taleb e na complexidade e transdisciplinaridade de Morin (2011) também abordada por Freire (2024), foi o elemento motivador para as reflexões aqui contidas a partir da utilização do denominado *microlearning* em um projeto na Faculdade de Comunicação da UFJF denominado “Facom em Pauta”. De acordo com Saccol; Schiemmer; Barbosa, (2010) e Garcia (2024), é um tipo de abordagem de ensino que apresenta, entre outras possibilidades, doses de informação – textual e imagética - em

² O cientista político Ulrich Beck, pioneiro em apresentar e cunhar a expressão, combinando aspectos ambientais e institucionais com uma crítica da racionalidade científica e da modernização. Detalhes em Beck (2010, p. 230).

³ Sobre a “Sociedade do cansaço” vide ensaio do filósofo sul-coreano Han, Byung-Chan (Petrópolis, RJ: Vozes, 2015).

⁴ Sistema em que as decisões são tomadas com base no conjunto, uma espécie de inteligência coletiva capaz também de se auto-organizar. O conceito se popularizou dentro das organizações após o lançamento do livro “We the People”, de Sharon Villines e John Buck, em 2007. Detalhes disponíveis em Abrafi, (2021): <https://www.abrafi.org.br/index.php/site/noticias/ver/4164>

um espaço curto de tempo a fim de construir aos poucos um conhecimento mais amplo sobre determinado assunto. Pode-se afirmar que o método consiste em sintetizar os assuntos ou fragmentá-los para que eles possam ser consumidos e assimilados de forma rápida e consistente.

CONCEITO E PROCEDIMENTOS DE *MICROLEARNING*

Os conteúdos de ações que envolvem *microlearning* normalmente são apresentados em vídeos, newsletters, podcasts, jogos e pequenos textos que podem ser apreciados de maneira sintética, mas de maneira relevante.

No entanto, de acordo com Saccol; Schiemmer; Barbosa, (2010), mais do que apenas aplicar o conceito em si em ações laboratoriais, torna-se imprescindível considerar que:

São os pressupostos, concepções, metodologias e as estratégias diadático-pedagógicas que definirão o sucesso ou o fracasso dessas aplicações. Diante disso, estimulamos a consideração de uma abordagem específica de aplicação dentro de uma visão interacionista, construtivista e sistêmica do processo de ensino e de aprendizagem (Saccol; Schlemmer; Barbosa, 2010, Apresentação, p. x).

Para os autores, alguns dos elementos que podem caracterizar as possibilidades de se desenvolver a metodologia se relacionam ao maior controle sobre a própria aprendizagem, centrada de maneira mais personalizada; aprendizagem em contexto, ou seja, no local, no horário e nas condições em que o discente possa opinar como mais adequados em diálogo com o docente; continuidade e conectividade entre contextos, o que significa certa mobilidade de espaços e entre áreas, por exemplo, diante de uma atividade a ser desenvolvida relacionada a um evento com uma pauta específica ou na produção de textos e formatos que podem ser conjugados. Por fim, espontaneidade e oportunidade, em que são possibilitadas aprendizagens envolvendo tempo, espaços e quaisquer conjunturas geradas de maneira principalmente espontânea, de acordo com interesses e necessidades acordados ou trabalhados em busca do melhor para os resultados das ações individuais e coletivas.

Saccol; Schiemmer; Barbosa, (2010), ao considerarem aspectos de planejamento ou análise da metodologia, definem que é importante também é levar em conta

principalmente questões relacionadas às concepções epistemológicas, ou seja, como entendemos que a aprendizagem ocorre.

Vinculam-se questões pedagógicas, tais como procedimentos, práticas e processos de mediação pedagógica, de modo a possibilitar a efetivação dos processos, ações e reflexões trabalhadas. Além dessas questões, devemos atentar também para situações de ordem tecnológica, econômica e social, entre outras (Saccol; Schiemmer; Barbosa, 2010, p. 29)

Mesmo com os avanços dos últimos anos nas pesquisas sobre o método, não à toa, autores como Leong, Sung, Au e Blanchard (2020) afirmam que há ainda carência de estudos abrangentes revisando as tendências relacionadas ao tema em termos de publicações e pesquisas na Internet. Eles desenvolveram um estudo analisando dados do mundo real obtidos do *Scopus* e do *Google Trends*.

No que tange à prática, de acordo com Garcia (2024), muitas empresas brasileiras estão adotando o *microlearning* e os resultados tem sido bem positivos. A autora cita dois estudos para ilustrar:

Um estudo realizado pela ABT – Associação Brasileira de Treinamento e Desenvolvimento – descobriu que essa metodologia pode aumentar a retenção de conhecimento em até 60%. Já a pesquisa realizada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), identificou que essa abordagem pode aumentar a motivação dos alunos em até 20%. A expectativa é que o *microlearning* continue a crescer no Brasil nos próximos anos (Garcia, 2014, p. 69)

O *microlearning*, segundo definição de Garcia (2024), é uma metodologia que pode ser aplicada em diferentes contextos:

Educação, treinamento corporativo, desenvolvimento pessoal e profissional. Ele é especialmente útil para ensinar conceitos ou habilidades específicas, que podem ser aprendidos de forma rápida e eficaz. Pode ser realizado em qualquer lugar e em qualquer momento, o que o torna ideal para pessoas com muitos afazeres e agendas ocupadas. É uma excelente oportunidade de educar o colaborador nos temas estratégicos ao longo de uma campanha ou de um período formativo, por exemplo (Garcia, 2024, p.69).

A autora apresenta três exemplos do que ela denomina como *players* do mercado que se tornaram referência na metodologia: 1. O Banco do Brasil a utiliza para treinar seus funcionários sobre diversos temas, como atendimento ao cliente, *compliance* e

inovação; 2. O Itaú Unibanco busca pelo *microlearning* para desenvolver as habilidades técnicas e comportamentais de seus funcionários; 3. Sobre a Petrobras, a aplicação se dá em forma de ensino para capacitar seus funcionários em segurança do trabalho e meio ambiente (Garcia, 2024, p. 70).

AS AÇÕES DE APRENDIZADO NO PROJETO

O pensamento complexo de Morin tornou-se a mola mestra para impulsionar os procedimentos das atividades acadêmicas no projeto, pois segundo o autor (Morin, 2012, p. 45), “o que não se regenera, certamente, se degenera”. A marca do pensamento complexo na disciplina assumiu a metodologia do *mirolearning* ao envolver aquilo que Morin tanto estimula: a religação dos saberes como algo inadiável. Ao considerar que determinados saberes são provisórios, incompletos, o sociólogo diz que os conhecimentos vivem sempre no limite de sua própria “destruição” (Carvalho, 2012, p. 97). Por conseguinte, provocadores, estimulantes, instigantes.

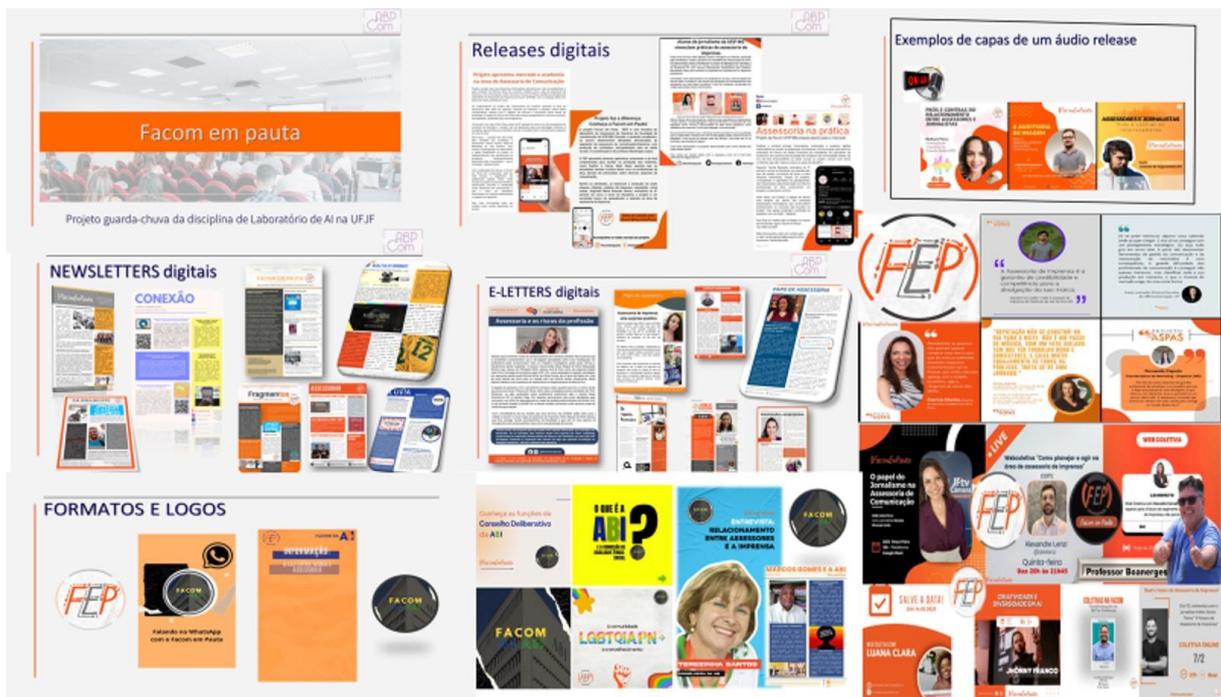
Ao tratar da complexidade do conhecimento e do pensamento, as ideias de Morin apontaram acentuadamente fatores de estímulo à imaginação e de criação de algo novo e significativo. Consequentemente, indicaram o caminho possível (trans) disciplinar para o período vivenciado com as ações do projeto.

Assim, pelo projeto “Facom em Pauta”, iniciativa desenvolvida na Faculdade de Comunicação da UFJF (MG), desde 2016, com a criação da disciplina de Laboratório de Assessoria de Imprensa, a partir da nova estrutura curricular, as ações baseadas na metodologia foram gradativamente permitindo produções e práticas de comunicação diferenciadas, e, assim, impulsionado conteúdos e formatos diversificados, principalmente de curta duração. E, por serem conteúdos mais compactos, tornam-se mais acessíveis, o que proporciona mais agilidade no compartilhamento, pelas mais variadas ferramentas de comunicação na atualidade e com foco na área digital na atualidade.

O aprendizado, portanto, precisou ir além da formação inicial e continuada densa, envolvendo também a diversidade de experiências formativas, pois não apenas houve uma dedicação ao trabalho no bojo laboratorial. Os discentes passaram a

produzir ações diferenciadas de acordo com as “novas” plataformas” (para alguns constituiu-se uma experiência completamente nova), e outros afazeres até então não previstos.

ILUSTRAÇÃO 1 – AÇÕES VARIADAS DO PROJETO “FACOM EM PAUTA”



(Fonte: LOPES, 2024)

A CRÔNICA COMO BASE TEXTUAL TRANSFORMADORA

Se por um lado, autores entendem a crônica como um gênero textual híbrido, ligado tanto ao jornalismo quanto à literatura; outros, como uma forma literária de requintado valor estético, gênero específico e autônomo. As suas características atuais estão relacionadas não só ao desenvolvimento da imprensa como também às transformações sociais. Hoje, a crônica se configura como um texto breve, subjetivo e de fácil adaptação, que utiliza uma linguagem coloquial, muitas vezes poética, para narrar fatos do cotidiano (Marques de Melo, 2009). Nesse sentido, a crônica é de grande relevância em termos de práticas de leitura e produção de textos, propiciando o desenvolvimento de habilidades de linguagem importantes.

Novas formas de expressão no sentido de obter unidade estética que atenda possibilidades criativas é o que a crônica busca em seu aprimoramento. Mesmo em seu sentido histórico, segundo Pereira (2015, p.16), ao tentar agrupar elementos estruturais que habitam o seu interior, ou seja, em um mesmo espaço textual. O autor entende a crônica como uma conjunção de elementos linguísticos e expressões verbais que são legitimados a partir da linguagem coloquial.

Por ser um texto que abriga várias manifestações estéticas, a crônica vai instaurar rupturas dentro do universo da linguagem jornalística: quer seja do ponto de vista linguístico, quer seja do ponto de vista temático. E o cronista reordena as leis que regem o periodismo: atualidade, universalidade, periodicidade e difusão, ampliando o tempo da narrativa jornalística. Com isso, determina novas relações com os gêneros; não se limitando a informar ou opinar; mas construindo novos significados na própria articulação entre as várias linguagens que o cronista exercita para explicar as representações que observa ao leitor (Pereira, 2015, p. 25-26)

O diálogo não é base da crônica?, pergunta Sá (1985), com a finalidade de ilustrar que a crônica, apesar de toda a sua aparente simplicidade, só pode ser valorizada quando é tratada em seus elementos, também criticamente. Exatamente o que se buscou durante as ações que envolveram a produção de textos laboratoriais com base na concepção do gênero. Também como leitores-revisores de seus próprios textos, os discentes exerceram reflexões detalhadas sobre suas produções, sob a orientação do docente.

Outro aspecto importante deve ser destacado ao se tratar do suporte em que se posiciona o texto. Sá (1985, p. 85), destaca que a mudança de suporte provoca novo direcionamento, seja de mais agilidade ou envolvimento, seja de maneira mais seletiva e reflexiva. A crônica, de acordo com o autor, impulsiona possibilidades de leitura e reflexão críticas, e ao mesmo tempo de uma produção textual mais rica, liberta de certas referencialidades, proporcionando uma maior liberdade sobre o leitor, que passa a ver novas possibilidades interpretativas.

A escolha do gênero para os exercícios de textos do projeto permitiu seguir a tendência apontada por pesquisadores de que a crônica nos últimos anos abriu-se como espaço laboratorial para convergência de contradições, tramas, histórias da vida e dos próprios profissionais inseridos nos contextos de cada produção, expostas pelas vísceras existenciais na manifestação de sentimentos, ideias e pensamentos de pessoas,

subjetividades de lugares e momentos ligados ao cotidiano das organizações profissionais e acadêmicas.

ILUSTRAÇÃO 2: FORMATOS DE TEXTOS DO PROJETO



Incentivados pela ideia inspirada no texto de Sá (1986, p. 86-87), os discentes trabalharam a partir do ponto de vista de um (a) narrador (a) - assessor (a), sintonizados com a condição de que a maneira de ver o mundo se relaciona com a forma como os acontecimentos atuam sobre ele para, depois de narrados diante do fato/ângulo/pauta escolhidos, apurados e preparados editorialmente a partir de uma perspectiva organizacional, atuarem como textos direcionados aos públicos específicos. Também foram buscados o processo associativo e a criação/construção dos aspectos gráficos, a construção das imagens, na busca dos envolvidos e das organizações e seus segmentos. Com isso, houve incentivo ao lirismo reflexivo, como possibilidade de um jogo lúdico entre o sujeito e o objeto, bem como as estruturas escolhidas que interagiram para ensinar, comover e deleitar, através de relatos simples e aparentemente soltos, mas plenos de humanidade.

ILUSTRAÇÃO 3: EXEMPLOS DE RELEASES DIGITAIS DO PROJETO



De acordo com Castro e Galeno (2002), a fronteira entre jornalismo e literatura está cada vez mais difusa, cada uma recorrendo aos recursos e cosmovisões da outra, mas que ainda tem que lidar com tropeços por um sério obstáculo: o desinteresse e a despreocupação por parte de algumas Escolas de Comunicação. Segundo os autores, nas faculdades de jornalismo é evidente o número de professores e estudantes que olham de soslaio os gêneros literários. Com isso, destacam, as produções textuais aparecem repletas de carências estéticas, pois apresentam prosas sem brilho, frias, opacas e pouco emotivas.

Sabemos que foram poucas às vezes que os departamentos de Comunicação se preocuparam com a superação das fronteiras disciplinares. Ao contrário, multiplicaram-se as especialidades, separando-se conteúdos, currículos e pesquisas, relegando a planos secundários a própria dinâmica da religação, que é o pensamento comunicacional. Castro; Galeno, 2002, p. 9-10).

Por outro lado, garantem os autores, a fronteira criticada instiga prazeres e desafios em poder fazer dialogar saberes próximos e convergentes e, também proporcionar uma compreensão atenta e rigorosa das técnicas para que alunos se tornem mediadores e intérpretes conscientes e competentes da realidade vigente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A riqueza da complexidade, transdisciplinaridade e aleatoriedade para os estudos de comunicação nas organizações vem sendo demonstrada pelo envolvimento crescente de pesquisadores e professores e procedimentos cada vez mais criativos. Abordagens e problematizações envolvem autores e docentes pelas reflexões tanto nos ambientes acadêmicos quanto naqueles que abrangem as mais díspares estruturas organizacionais, o que têm proporcionado o desenvolvimento de pensamentos, contradições e até novos paradigmas, já que boa parte dessas investigações buscam oferecer perspectivas inovadoras e sustentáveis para a conquista de objetivos empresariais, sociais e educativos de nova ordem, consequentemente transformadores.

Portanto, o encaminhamento do projeto se estabeleceu e permanece experimentando um cronograma de unidades e de avaliação contínua, com atividades realizadas semanalmente, e a participação do docente com checagens permanentes das produções discentes (de reels/stories a releases digitais, newsletter, clipping, webinar, coletivas de imprensa etc). Importante destacar que a flexibilidade norteou as ações e produções que podem (riam) ser revistas a qualquer momento por conta das condições e disponibilidade técnica individual e do conjunto de aspirações coletivas das turmas.

Sem dúvida, muito há por ser feito. Segundo Vichiatti (2005), Literatura e Jornalismo são territórios diferentes, mas não intransponíveis que impeçam entrelaçamentos. De acordo com o professor e crítico literário, Fábio Lucas, o jornalismo contemporâneo tornou-se mais exigente, em que o profissional opera nos limites do escritor, na medida em que ambos lidam com a força comunicativa da palavra escrita. Mas o escritor o faz de maneira intensiva, com o propósito estético. O mesmo propósito que pode estar no íntimo do jornalista. Basta que reflita e aja para superar o assédio pelo objetivo pragmático que o persegue normalmente em organizações a que se liga. É o que essas reflexões e o relato apresentado a partir de uma dada experiência buscaram demonstrar em prol da transformação e do avanço das práticas laboratoriais jornalísticas.

REFERÊNCIAS

LIVRO FÍSICO

AMOROSO LIMA, Alceu. **O jornalismo como gênero literário**. SP: COMARTE/Edusp, 1990.

ANGELONI, Maria Terezinha. **Comunicação nas organizações da era do conhecimento**. SP: Atlas, 2010.

BENDER, Flora; LAURITO, Ilka. **Crônica: história, teoria e prática**. SP: Scipione, 1993.

BICALHO FÉLIX, Joana d’Arc; BORDA, Zehetmeyer (Orgs). **Gestão da Comunicação e responsabilidade socioambiental: uma nova visão de marketing e comunicação para o desenvolvimento sustentável**. SP: Atlas, 2009.

CASTELLO, José. **A literatura na poltrona: jornalismo literário em tempos instáveis**. SP: Record, 2007.

CASTRO, de Gustavo; GALENO, Alex (Orgs). **Jornalismo e literatura: a sedução da palavra**. SP: Escrituras, 2002.

FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. SP: Editora Unicamp, 1992.

GARCIA, Clau. **Comunicação organizacional na era tech**. RJ: Freitas Bastos Editora, 2024.

GONÇALVES, José Eduardo (Org). **Ofício da palavra**. MG: Autêntica, 2014.

M. FREIRE, Maximina. **Edgar Morin: complexidade e transdisciplinaridade**. SP: Pontes Editores, 2024.

MELO, J. M. de. **Jornalismo: compreensão e reinvenção**. SP: Mantiqueira, Editora Saraiva, 2009.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

OLINTO, Antonio. **Jornalismo e literatura**. Porto Alegre: JÁ Editores, 2008.

PEREIRA, Wellington. **Crônica: arte do útil e do fútil – ensaio sobre a crônica no jornalismo impresso**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2015.

Portal Press Manager. **Tendências de Comunicação para assessoria de imprensa em 2025**. Janeiro de 2025. Disponível em:
<https://www.pressmanager.com.br/assessoria-de-imprensa-tendencias/>

SACCOL, Amarolinda; SCHLEMMER, Eliane; BARBOSA, Jorge. **M-learning e u-learning – novas perspectivas da aprendizagem móvel e ubíqua**. SP: Pearson, 2011.



SÁ, Jorge de. **A crônica**. SP: Editora Ática, 1985.

SIMON, Luiz Carlos. **Duas ou três páginas despretensiosas – a crônica, Rubem Braga e outros cronistas**. Londrina/PR: Eduel, 2011.

TALEB, Nassim Nicholas. **Arriscando a própria pele: Assimetrias ocultas no cotidiano**. SP: Objetiva, 2018.

_____. **Antifragil: Coisas que se beneficiam com o caos**. SP: Objetiva, 2020.

VICHIATTI, Carlos Alberto. **Jornalismo: comunicação, literatura e compromisso social**. SP: Paulus, 2005.

LIVRO ONLINE

FERRARI, Maria Aparecida; MARTINS, Juliane (Orgs). **Colóquios acadêmicos**. ABRAPCORP: [livro eletrônico]: conectando experiências docentes: 2019-2021. Salvador, BA: Megan – Editoração e Design Criativo, 2024.

REVISTA ONLINE

LEONG, SUNG, AU e BLANCHARD. **Uma revisão da tendência da microaprendizagem**. Revista de Gestão Aplicada ao Trabalho - Portal Emerald Inshigt. 17/12/2020. Disponível em:

<https://www.emerald.com/insight/content/doi/10.1108/jwam-10-2020-0044/full/html?ai=6d8816ed-c8da-4e5e-8672-a040138d9e84>

REDES SOCIAIS DO PROJETO FACOM EM PAUTA

Twitter: <https://twitter.com/FacomPauta>

Instagram: <https://www.instagram.com/facomempauta/>

Facebook: <https://www.facebook.com/tempautajf>